



Banabuyé
304 Anos

A Arcádia



Esperança
91 Anos

Órgão de história – Publicação Mensal
historiaesperancense@gmail.com

ANO III Domingo, 04 de junho de 2017 N°23

PALACETE TORRES-BRASIL

Ontem foi demolido um dos poucos casarões que restas no Município de Esperança: O **Palacete Torres-Brasil**.

Pertencente ao Capitão Bento Olympio Torres, a edificação centenária havia sido construída no alto da antiga **rua de Baixo**, era a entrada para a antiga **Banabuyé**.

Bento Torres (1851/1942) recebeu o título de Benemérito por ter colaborado na construção da Catedral e no Seminário Episcopal de Campina Grande. Adquiriu aquela residência ainda em construção, ao genitor do Padre Zé Paulo. Supõe-se, que tenha finalizado a obra, incluindo-se o brasão na lateral e outros indicativos de seu título de nobreza.

Cunhado de Irineu Jóffily, aquele casarão abrigou, por muitas vezes, o ilustre historiador, que pernoitava ali antes de iniciar suas viagens que deram o contorno à Parahyba.

Nos anos 40, o projeto de alargamento das ruas, implementado pelo Prefeito Sebastião Duarte, previa a demolição do casarão, e algumas

casas que se ligavam, antes da descida para a rua do Boi. Contudo, em respeito a sua importância, foi mantida **apenas** o palacete.

Com uma parte de entrada, e cinco janelões, sala, quarto e dependências, murada em sua lateral, cujo terreno faz um “L” com a rua 04 de outubro, parte utilizado para o consultório do Dr. Manuel Cabral, que clinicou por cerca de 40 anos, ficou sendo, após a morte do seu proprietário, a residência de Dona **Licia Torres**, que recebeu por testamento o imóvel.

Agora, resta pouco do patrimônio histórico de Esperança, sendo os mais importantes: O Casarão onde funciona a **Secretaria de Educação**, o **Casarão da família Delgado** e o **Casarão da Melo** (atual Oyslhi).

Além disso, há outras construções, mais recentes, até em estilo Art-déco que merecem ser preservadas.

A legislação municipal não prevê o tombamento destas edificações. Talvez esteja na hora de acordar, antes que seja tarde demais!

Quem dará o primeiro passo?



EXPEDIENTE:

A Arcádia - Jornal de história
Publicação Mensal - Ano III, N° 23
Redatores: Rau Ferreira/Hauane/Heloíse
Contato: historiaesperancense@gmail.com
Aceita-se produção textual e contribuições:



A VOZ DA TERRA

Severino Perlyllo D'Oliveira foi um grande poeta.

O mulato filho de Araruna/PB saiu de casa aos 15 anos, atraído por uma atriz italiana dirigente de uma companhia de teatro.



A sua obra passeia pelo lírico e modernismo. Depois de publicar "Canções que a vida me ensinou" (1925) e "Caminho cheio de sol" (1928), trazia à lume "A voz da terra" (1930).

A propósito deste livro, o amigo Silvino comenta o belíssimo ensaio, afirmando que os poemas d'A voz da Terra encerravam não apenas a síntese da fé e do espiritualismo do autor, mas a própria fé católica em sua essência.

Citando um parêntese, Silvino Olavo enaltece a obra: "Brasil sem modos moreno piegas – maxixes, modinhas, pastoris e catimbó. Brasil

valentão ciumento que por qualquer coisa catuca o amor e o destino com faca de ponta".

E finaliza Olavo com um breve conselho: "Continue assim, caríssimo poeta, servindo às belas perspectivas do seu espírito e espere, que lhe não tardarão os louros que você merece".

D'Oliveira é patrono da Cadeira n° 25 da Academia Paraibana de Letras, enxerto deste trabalho que trago os versos d'A Voz Triste da Terra, publicados na Revista de Antropofagia:

Eu devia ter ficado
perdido nos meus terrores

Não me deviam ter dito
os nomes das coisas bonitas
que os barcos trouxeram de longe
nem a natureza de tudo o que eu via.
Deviam ter deixado que eu adivinhasse...
Eu adivinharia!

Peryllo faleceu ainda jovem, aos 32 anos, em sua residência, no Jaguaribe. Os poucos amigos acompanharam o seu féretro ao Cemitério da Boa Sentença, descendo à sepultura em 26 de agosto de 1930.

historiaesperancense.blogspot.com

Relembrando o carnaval...

Em pleno São João!!!

FACULDADE BACURAU

O nome é em homenagem a um antigo mecânico da cidade (Bacural), já falecido. Localizada na rua João Mendes, a sede carnavalesca oferece um curso intensivo durante os três dias de folia.

O bacural é um pássaro de asas longas (acinzentadas) e pernas curtas. Seus hábitos são noturnos e não costuma fazer ninhos. Vive em bandos ou agrupamentos e seu canto é estridente.

Não sabemos ainda qual a razão de se apelidar o cidadão de Bacural. Mas o certo é que ele foi um mecânico das antigas, que durante muitos anos trabalhou nesse mister, profissão que foi abraçada também por alguns descendentes, a exemplo dos filhos Neguinho e Naldo, e que hoje segue já na terceira geração com os netos.

O bloco irreverente reúne uma turma de jovens que gosta de brincar o carnaval, dentre eles citemos: Gazo do Mercadinho, Tico, Chorão, Toinho,

Chupeta, Edson e Tatá. A fachada permanece durante todo o ano, dando a entender que as atividades da sede vão além da folia de Momo, talvez em algum curso de pós-graduação!

A cada novo ano a pintura da fachada é modificada, mas este ano (2017) os foliões optaram por colocar um banner alusivo ao bloco carnavalesco. A



faculdade "Bacurau" tem evoluído em sua sede, mas os princípios são os mesmos: alegria, amizade e folia de rua.

Poesia e arte.....

*"Esperança foi grande,
Quando era pequenina"*

Silvino Olavo



*Era uma flor menina!...
E hoje apenas expande.*

Rau Ferreira

Poesia e arte.....

Preservar-se!

Por que preservar?
Por que deixar
para as próximas gerações?
Por que se lembrar
De tantas as sensações?

Junho!

Quando eu era criança, por estes dias alegres
de Junho... Quantas saudades... A fogueira
elevava ás estrellas a sua chamma bemdita...
Fógos de estoiro pela rua... A cangica...
E Ella mais criança do que eu... Passou-se.
Já lá se vae tanto tempo... Ella, de olhos
baixos
- “Bom dia, João!” E na sua innocencia dôce,
me enlaçava com um lacinho de fita!
Depois nós dois

Por que guardar,
se não temos emoções?
Quem somos, e quem seremos?
Não quero deixar sermão
Mas como vivemos (se vivemos)
Vivemos em vão!!!

Rau Ferreira

bem juntinhos, lá íamos
ao altar de flôres da capella e sorriamos
para aquelle rapazinho que trazia no hombro
uma ovelhinha de neve... que vestido de pelles,
só cobria o peito, só vestia as ancas...
Junho! mês de saudades e dias meigos...
Nós dois, bem juntinhos, resávamos
Senhor S. João de olhos negros...
Pastorzinho de ovêlhas brancas e almas
brancas...

João da Retreta/S.O.

Fotolegenda.....



Dudé Pichaco (s/d, 1980)

Era uma figura muito conhecida em Esperança com algumas histórias irreverentes. Filho de Adauto Pichaco, jogou bola no “Mequinha”. Nesta foto, ele faz segurança para o governador Tarcísio Burity e sua comitiva na casa de Nino Pereira.